



A DISPUTA POR NEOPTÓLEMO NO *FILOCTETES* DE SÓFOCLES

Cesar Lopes Gemelli¹

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de estudar alguns aspectos das tentativas de persuasão de Neoptólemo por parte de Odisseu e Filoctetes na tragédia *Filoctetes* de Sófocles (c. 497/6-407/6 a.C.). Nessa tragédia, Odisseu e Filoctetes, de formas muito similares, tentam persuadir Neoptólemo a agir segundo seus próprios interesses ou necessidades. Filoctetes, abandonado por Odisseu na ilha de Lemnos há dez anos, aturdido por uma ferida que não cicatriza nem mata, mas lhe mantém em constante agonia, deseja ser resgatado e reconduzido ao convívio humano. Ao encontrar o jovem Neoptólemo, Filoctetes pede-lhe que o resgate, ressaltando a honra proveniente dessa ação nobre. Odisseu, herói pragmático, foi enviado com a missão de reconduzir Filoctetes e seu arco, herdado de Hércules, a Troia. Para tal, alista Neoptólemo como auxiliar, uma vez que crê ser odiado com tal intensidade pelo herói que abandonara que esse o mataria assim que o visse.

Palavras-chave: Sófocles; Filoctetes; Neoptólemo.

1. Introdução

Sófocles (c. 497/6 – 407/6 a.C.) foi um dos principais tragediógrafos áticos. Nascido em Colono, o autor escreveu 123 peças teatrais dentre as quais apenas sete chegaram até nós: *Ájax*, *Antígona*, *As Traquínias*, *Electra*, *Édipo Tirano*, *Filoctetes* e *Édipo em Colono*. Sófocles era um homem profundamente envolvido na vida pública, tendo ocupado diversos cargos na administração ateniense. Nas últimas décadas do século em que viveu, o autor testemunhou eventos históricos importantes, como a ocupação e a destruição de sua cidade pelos invasores persas no ano 480 a.C., a derrota dos mesmos em 479 a.C., a expansão e o auge do poderio econômico, político e militar ateniense, e o “colapso gradual”² (AHL, 2008, p. 5) durante a Guerra do Peloponeso, nas últimas três décadas do século V, entre 431 a.C. e 404 a.C.. Entre os homens de seu tempo, “o que sabemos da vida de Sófocles sugere que ele pode ter tido contato com atenienses tais como Sócrates e alguns de seus alunos, como Crítias e Theramenes” (AHL, 2008, p. 5).

Na tragédia de Sófocles intitulada *Filoctetes*, encontramos Filoctetes, um dentre os heróis gregos que originalmente partiram para a conquista de Troia, abandonado e sozinho na ilha de Lemnos. Anteriormente, durante a viagem a Troia, a armada grega parou na ilha

¹ Texto elaborado para a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso sob a orientação do Professor Doutor José Carlos Baracat Júnior na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Contato: cesar.lg@gmail.com.

² Todas as traduções de citações em língua estrangeira são nossas, exceto se indicado diferentemente.

de Crisa para a realização de rituais religiosos. Lá Filoctetes foi picado no pé por uma serpente sobrenatural. O veneno, entretanto, não o mata e sua chaga também não cicatriza. A infecção se desenvolve, causando dores cruciantes. Filoctetes, durante as crises de dor causadas por seu mal, urra terrivelmente até eventualmente desmaiar. De sua ferida, emana um líquido viscoso, purulento e fétido. Agamêmnon e Menelau, os irmãos que lideram a expedição, tomados de asco pelo companheiro que, por seus gritos e pelo mal cheiro exalado, impossibilitava a realização dos ritos necessários e ameaçava o moral do exército, decidem abandoná-lo em uma ilha deserta. Coube a Odisseu a execução desse abandono.

Filoctetes possui o arco³ que fora originalmente de Hércules, que, por sua vez, o recebeu do deus Apolo quando partiu para realizar os doze trabalhos. O divino arco possui a propriedade mágica de fazer com que todas as flechas com ele disparadas acertem sempre o alvo. Hércules, durante os doze trabalhos, embebeu as pontas de suas flechas no venenoso e mortífero sangue da Hidra. Como resultado, Filoctetes possui um arco do qual todas as flechas disparadas atingirão o alvo e flechas cujos ferimentos, por menores que sejam, serão mortais. Assim sendo, mesmo manco e ferido, Filoctetes é uma ameaça séria em caso de combate. Filoctetes, quando ainda era criança, obteve o arco como retribuição de Hércules por ter ousado, incitado pelo próprio Hércules, ignizar sua pira funerária depois que o próprio filho de Hércules se recusara.

A tarefa de reconduzir Filoctetes a Troia, na versão de Sófocles, cabe a Odisseu. Estando ciente das dificuldades, uma vez que ele mesmo foi o responsável pelo abandono de Filoctetes na ilha de Lemnos, convoca o filho de Aquiles para ajudá-lo. Neoptólemo ainda não atingiu a maturidade e é visto pelos que interagem com ele como alguém mais jovem, mais inexperiente e desejoso de glórias.

A ação dessa tragédia tem sua origem na profecia⁴ de Heleno, vate troiano sequestrado por Odisseu no décimo ano da guerra, de que Ílion só cairá diante do filho de Aquiles, Neoptólemo, e do arco de Hércules que está em posse de Filoctetes. A profecia de Heleno na tragédia em questão é revelada de forma progressiva e gradual. Apenas ao final, tem-se acesso a informações adequadas sobre a profecia, como nos versos seguintes ao 1329, durante a fala de Neoptólemo sobre a cura que Filoctetes encontrará em Troia e como os dois serão decisivos para a tomada da cidadela, o que será confirmado por Hércules nos versos 1423 e seguintes. Hinds, em nota, ressalta que Kirkwood e Knox não consideram a cura de Filoctetes como parte da profecia (HINDS, 1967, p. 170). A questão sobre a necessidade da presença do arqueiro juntamente com o arco no combate em Troia é

3 Para mais detalhes sobre a origem do arco, cf. WILSON, *The Wound and the Bow*, 1941.

4 Para mais detalhes sobre a profecia, Cf. HINDS, *The Prophecy of Helenus in Sophocles' Philoctetes*; BOWRA, *Sophoclean Tragedy*, p. 268; KNOX, *The Heroic Temper*, p. 126-7; LINFORTH, *Philoctetes: The play and the Man*, p. 103; ROBINSON, *Topics*, p. 47; EASTERLING, *Philoctetes and Modern Criticism*; KITTNER, *Sophoclean Sophistics*, p. 24-9.

interessante e relevante para a interpretação e desenvolvimento da tragédia. Além disso, tem efeito dramático no desenvolvimento da ação. Hinds propõe que a ideia de que apenas o arco é necessário e previsto na profecia de Heleno, uma vez que a ausência de Filoctetes em Troia contradiria demasiadamente a tradição e sugere que tal obscuridade no prólogo da peça, é proposital e abre mais possibilidades de desenvolvimento dramático para o posicionamento de Odisseu durante a tragédia. O autor ainda salienta que as posições de Knox de que “Odisseu tem outros motivos; sua real intenção é tomar o arco, conquistar a glória para si mesmo e deixar Filoctetes na ilha” (HINDS, 1967, p. 171) tem como base a visão proposta por Knox de que Odisseu preocupa-se exclusivamente consigo. A conclusão de Hinds é que tanto Odisseu quanto Neoptólemo estão cientes da necessidade de levar Filoctetes e o arco de volta para Troia.

Além da tragédia de Sófocles, conforme nos informa Dio de Prusa, posteriormente conhecido como Dio Crisóstomo, em sua quinquagésima segunda oração, Ésquilo e Eurípides também compuseram peças intituladas *Filoctetes* e comenta algumas semelhanças e diferenças entre as três obras. As desses dois últimos não chegaram até nós senão em fragmentos esparsos. Embora isto não indique que Sófocles tenha escrito sua tragédia depois de Ésquilo ou Eurípides, sua peça foi produzida posteriormente. Em relação a de Eurípides, a de Sófocles foi produzida vinte e dois anos depois. O principal ponto de aproximação entre as três tragédias seria, segundo o autor, “o roubo, ou talvez deva dizer tomada, do arco de Filoctetes” (DIO, 1956, p. 338) e a principal preocupação de Dio nesse texto de crítica literária é a questão estilística dos tragediógrafos. Dio trata essencialmente das diferentes formas com que os três autores trataram os personagens, o coro e o enredo e acrescenta ainda que apenas Sófocles fez de Lemnos uma ilha completamente deserta e de Neoptólemo o auxiliar de Odisseu. Na tragédia de Ésquilo, Odisseu teria ido sozinho cumprir a missão, enquanto que na de Eurípides, Diomedes teria o auxiliado. O quinquagésimo nono discurso de Dio consiste de uma paráfrase do prólogo do *Filoctetes* de Eurípides, produzido em 431 a.C., embora não se possa atestar o grau de precisão com que Dio o escreveu.

No *Filoctetes* de Sófocles, Neoptólemo enfrenta o dilema de escolher entre os valores que lhe são apresentados por Odisseu e Filoctetes, o pragmatismo, o apreço pelo resultado daquele, ou o idealismo, o apreço pela verdade desse. Roisman propõe (2005, p. 88) que há uma cisão em dois planos no dilema de Neoptólemo: um plano ideológico, em que o jovem se vê diante das opções éticas de pautar suas decisões unicamente pela verdade e pela honra a qualquer custo, e um plano pessoal, em que Neoptólemo se vê em uma disputa “quase familiar” (Id., Ibid.). A autora ressalta ainda que a tragédia *Filoctetes* é uma das poucas das que chegaram até nós que não contém um conflito familiar, mas que, ainda assim, trata de “relações entre homens que pertencem a mesma fraternidade guerreira mas não são ligados por sangue” (Id., Ibid.). Filoctetes, nesta tragédia, faz fortes apelos,

recorrendo ao fato de ser Neoptólemo filho de Aquiles, procurando convencê-lo com apelos emocionais, através do suposto valor simbólico da figura paterna. Odisseu, em contraposição, é apresentado como um professor representante de valores supostamente cívicos, utilizando-se de procedimentos sofisticados para reformular conceitos caros ao jovem de formas que sejam mais convenientes à realização de sua tarefa. O dilema, então, de Neoptólemo não é somente um enfrentamento entre duas posições éticas exteriores representadas pelos dois personagens mais velhos, mas é essencialmente um dilema ético pessoal que diz respeito ao próprio amadurecimento do jovem e ao seu futuro diante das possibilidades que reconhece. Não é apenas racionalmente que o jovem tenta se posicionar, mas também afetivamente. Oscilando entre as esferas de influência de Odisseu e de Filoctetes, o jovem Neoptólemo, por alguns instantes, quando impede o assassinato de Odisseu, alcança uma atuação autônoma e independente, mas não consegue consolidá-la e deixa a pouca autonomia conquistada escapar quando cede e volta para a esfera de influência de Filoctetes. Não há dúvida de que é preciso tomar o arco de Filoctetes. Sem isso, a guerra não pode ser vencida e essa é a vontade divina revelada pelo profeta. O dilema de Neoptólemo diz respeito a posições éticas interiores em que o jovem precisa decidir o que deseja para si e como pretende alcançar seu objetivo. O filho de Aquiles almeja grandes feitos a fim de conquistar glórias e, como seu pai, recua diante de posturas percebidas como corruptas ou impuras, como Aquiles faz na *Iliada* em que o motivo para sua recusa em combater é o injusto sequestro de um de seus bens, a escrava Briseida. Reinhardt lembra que na sociedade humana, para alcançar grandes feitos, é preciso recorrer a ardis e percorrer “caminhos tortuosos” (REINHARDT, 2007, p. 191, tradução Oliver Tolle). O crítico alemão resume o dilema de Neoptólemo desta forma:

Entre os dois anciãos que se tornaram rígidos, o jovem tem de travar em si mesmo a luta dos contendores. Pois ele tem ligação com ambos, com um, por causa de sua situação, tarefa e dependência exterior, com o outro, por causa do seu modo de ser e do seu coração. Assim, como personagem que reúne e ecoa os outros dois, ele mantém coeso o destino de todos os três (REINHARDT, 2007, p. 191, tradução Oliver Tolle).

Neste trabalho, serão estudadas as formas pelas quais Odisseu e Filoctetes, na tragédia homônima de Sófocles, antes da crise de dor e perda de consciência devido às dores de sua incurável chaga, procuram convencer Neoptólemo a agir de acordo com seus próprios interesses ou necessidades. Em uma tragédia em que as tentativas de persuasão dos personagens sucedem umas as outras constantemente, em que até mesmo a aparição de Hércules consiste em uma tentativa de persuasão (a única a realmente alcançar sucesso sobre Filoctetes), em que cada personagem deseja e busca obter algo de outro personagem, atentar e estudar o modo como são os procedimentos adotados em suas tentativas parece deveras importante para a compreensão da obra.

No capítulo *Odisseu*, atentaremos para a relação entre Odisseu e Neoptólemo. Consideraremos de que forma a identidade e caráter do jovem se determina, se relaciona e se estabelece em relação a Odisseu. O jovem hesitante trazido nessa missão por Odisseu ainda não pode ser visto como um adulto capaz de decidir autonomamente seus atos e pode principalmente ser visto como alguém que hesita em assumir a responsabilidade e as consequências de seus atos. Neoptólemo procura alcançar reconhecimento entre os heróis gregos e o faz tomando como referência heróis já estabelecidos. Essencialmente o que caracteriza Neoptólemo como jovem é sua aceitação passiva de juízos de valor de Filoctetes e Odisseu. Em relação ao filho de Aquiles, Odisseu é apresentado e se posiciona como um hábil orador que utiliza recursos retóricos para reformular conceitos e situações de forma que lhe sejam mais convenientes na realização de sua missão de reconduzir Filoctetes a Troia. Dentre os recursos utilizados por Odisseu, consta a narrativa que faz no prólogo em que deixa implícito a existência de um código ético que autoriza o engano de um nobre em circunstâncias específicas, o qual Neoptólemo aceita temporariamente. Odisseu procede a cooptação de Neoptólemo gradualmente, primeiro levando-o até Lemnos, depois propondo a relativização do código de conduta e sutilmente ordenando que o jovem execute ações simples, como encontrar o covil em que Filoctetes habita.

No capítulo *Filoctetes*, observaremos a relação entre Neoptólemo e Filoctetes, como o filho de Aquiles é afetado pela presença e pelos emocionantes e diretos apelos de resgate feitos pelo portador do arco de Hércules. Filoctetes busca persuadir Neoptólemo a resgatá-lo e o faz utilizando recursos muito semelhantes aos de Odisseu. Diante do herói abandonado, Neoptólemo, através dos juízos de valor estabelecidos por Filoctetes, reconsiderará sua concepção de glória e honra o que o leva aparentemente a um dilema sobre como proceder. Filoctetes apoia seus argumentos na figura paterna ausente, e em como o jovem Neoptólemo pode vir a ser vinculado aos predicados do pai caso haja conforme convém a Filoctetes, desesperado por resgate e alívio de seus tormentos.

Pretende-se aqui demonstrar a semelhança entre os recursos persuasivos utilizados tanto por Odisseu quanto por Filoctetes, centralizando a atenção especialmente na semelhança entre os apelos de ambos à ousadia, à necessidade de realizar tarefas desagradáveis durante algum tempo e o duradouro resultado dessa ação breve e, por fim, ao desejo de reconhecimento e de glória de Neoptólemo.

2. Odisseu

Nessa tragédia, a caracterização de Odisseu, bem como a de Neoptólemo e a de Filoctetes, se realiza em relação aos outros personagens. Desde o prólogo, Neoptólemo é

apresentado como um personagem jovem. Ele é chamado filho⁵ (τέκνον⁶) uma vez por Odisseu⁷, trinta e seis vezes por Filoctetes⁸ e quatro vezes pelo coro⁹. Não é apenas a recorrência da palavra τέκνον que o caracteriza como um jovem ou pelo menos como um personagem mais jovem que os outros na peça, mas também o fato de que ele claramente não sabe como agir e o diz pelo menos duas vezes: “O que farei?”, pergunta ele nas linhas 908 e 969. Sua fala das linhas 969-970 serve de exemplo desse comportamento: “Ai de mim! Que farei? Seria melhor nunca ter deixado Ciro, assim não teria eu de enfrentar tamanho pesar”. Nesses versos, Neoptólemo expressa sua hesitação, seu desejo de retornar, de nunca ter deixado a ilha onde passou sua infância. Ele deseja retornar a um lugar onde estava seguro e não precisava preocupar-se com como alcançaria seus objetivos. A ilha de Ciro aqui representa uma situação em que Neoptólemo era caracterizado principalmente pelo seu potencial como filho de Aquiles. Como tal, ele poderia se desenvolver com qualquer personalidade e agir de qualquer forma. Essa condição, de ser potencialmente o que quer que seja, lhe dá uma sensação de segurança e conforto. Durante a ação da presente tragédia, Neoptólemo enfrenta uma situação em que é pressionado a agir, a decidir e conseqüentemente a abandonar sua segurança da infância, em que não é preciso assumir a responsabilidade pelos seus atos. Neoptólemo é apresentado com a oportunidade de começar a agir com autonomia e de desenvolver suas características potenciais em características reais.

Talvez mais importante do que a caracterização de Neoptólemo como alguém mais jovem e mais suscetível que os outros personagens nessa tragédia é o fato de que seu comportamento é influenciado em grande medida pelo personagem adulto com quem interage. No começo da tragédia, Odisseu é o personagem predominante. É ele quem trouxe Neoptólemo na missão de reconduzir Filoctetes e o arco de Hércules de volta para Ílion e é claramente quem dá as ordens. Mais para o final da tragédia, durante o contato e interação de Neoptólemo com Filoctetes, o primeiro demonstra uma inclinação para o herói que foi deixado sozinho na ilha de Lemnos. Neoptólemo reconhece a superioridade hierárquica de Odisseu ao chamá-lo de “senhor” nos versos 26-27, enquanto responde ao primeiro pedido direto de Odisseu: “Senhor Odisseu, a tarefa de que falas não está distante,

5 Todas as traduções do grego são nossas, exceto quando especificamente indicado de forma diferente.

6 Todas as citações de Sófocles referem-se ao texto da edição de Oxford por H. Lloyd-Jones e N. G. Wilson, *Sofoclis Fabulae* (Oxford, 1990), exceto se especificamente indicado de forma diferente. Todas as citações da tragédia *Filoctetes* serão apresentadas com o nome do autor, o título da tragédia e os versos conforme a edição de Oxford.

7 Sófocles, *Filoctetes*, 130.

8 Sófocles, *Filoctetes*, 236, 249, 260, 276, 284, 300, 307, 327, 337, 466, 468, 484, 635, 658, 662, 733, 742, 745, 747, 753, 799, 805, 807, 811, 833, 875, 878, 898, 914, 932, 1295, 1301, 1310, 1367, 1399 e 1433.

9 Sófocles, *Filoctetes*, 141, 210, 843 e 855.

pois imagino ver a caverna de que falas” (Sófocles, *Filoctetes*). A subordinação e o silêncio de Neoptólemo durante tantos versos são indícios de como sua relação com Odisseu começa a se desenvolver: esse fala enquanto aquele escuta.

Odisseu é apresentado como um orador desenvolvido, enquanto Neoptólemo não demonstra a mesma facilidade com as palavras. Roisman concorda com a descrição de Odisseu como tal: “A tragédia retrata Odisseu como um político sórdido, manchado por valores sofisticados e pela retórica” (2005, p. 73). Os valores sofisticados de Odisseu podem facilmente ser reconhecidos em sua reformulação de conceitos e significados, como o vemos fazer com relação ao conceito de nobreza (γενναῖος). Rose afirma que “Odisseu é inconfundivelmente apresentado como um político contemporâneo, imbuído de doutrinas sofisticadas [...]. Em relação a Neoptólemo, ele claramente desempenha o papel de um professor” (ROSE, 1976, p. 81). O autor argumenta que as dificuldades de Odisseu no convencimento de Neoptólemo estão relacionadas à “natureza herdada” (1976, p. 81, grifo do autor) desse. Na proposição de que a arma de Odisseu é o uso que faz da linguagem em oposição ao arco de Filoctetes, Rose elucida ainda mais um contraste nessa tragédia. O arco domina fisicamente qualquer possível tentativa de persuasão aberta por parte de Odisseu, uma vez que foi precisamente ele quem o abandonou na ilha. Essa impossibilidade, acrescida dos poderes mágicos do arco, levam Odisseu a fazer uso de suas outras habilidades compatíveis. Quando afirma no verso 1049 “Pois seja qual for o homem necessário, eu sou tal homem”, Odisseu assume o seu esposamento de um relativismo moral. Seu primeiro compromisso é consigo mesmo, de realizar o que julga ser necessário por quaisquer meios que possa. Nesse caso, ele recorre ao engodo, uma vez que, dado o poder divino do arco de Hércules, proezas físicas estão fadadas ao fracasso.

Também é importante notar, para a caracterização do personagem, que Odisseu tentou permanecer em Ítaca, fingindo-se de louco, quando foi visitado pelos emissários dos atreidas, que pretendiam levá-lo a Troia¹⁰. Com isso, Odisseu estava mentindo para tentar livrar-se de uma obrigação prévia que assumira quando tomou parte no tratado sobre o casamento de Helena com Menelau. Sófocles mesmo escreveu uma tragédia chamada *Odisseu Enlouquecido*. Sutton diz que “os fragmentos são parcos e não servem para mostrar como Sófocles lidou com essa história” (1984, p. 94) em que Odisseu tenta evitar ir para a guerra apesar de seu juramento aos atreidas. Isso sugere, entretanto, que havia outras caracterizações de Odisseu como um personagem que tenta obter vantagens para si mesmo desconsiderando elementos percebidos como eticamente problemáticos.

Odisseu sugere que Neoptólemo nunca deve hesitar quando estiver diante de uma possibilidade de conquistar algum tipo de ganho ou vantagem (κέρδος), como afirma no

10 Para outras fontes, cf. Hyginus, *Fabulae*, 95, e Apolodoro, *Biblioteca*, Epítome 3.7, especialmente a nota de Frazer.

verso 111: “Quando quer que faças algo por lucro, não se deve hesitar”. Mesmo que Odisseu se guie por um código moral que permita tal conduta e é esse o caso, sua proposição do mesmo a Neoptólemo demonstra ainda mais uma instância de seu relativismo moral. A invocação que faz nos versos 133-4 de Hermes e Atena Vitoriosa, “Que possa tanto o enganador e condutor Hermes – mostrar o caminho – quanto a Atena Vitoriosa, guardiã da cidade, que sempre me salva” sugere sua caracterização por Sófocles como alguém não apenas disposto a desrespeitar as normas de conduta do suposto código heroico que teria, no comportamento de Aquiles, seu paradigma, mas também como alguém que pensa sobre o “bem-estar comum” (NUSSBAUM, 1991, p. 203) de seus companheiros, em oposição à atitude de Aquiles na *Ilíada*. Aquiles decidiu parar de combater porque se considerava ofendido pelo comportamento de Agamemnon. Desconsiderando todas as vidas perdidas durante sua ausência do combate, o pai de Neoptólemo julga ser tal ofensa uma violação da aliança entre os dois.

Se, por um lado, no suposto modelo heroico de Aquiles, mentir e enganar é mal visto, por outro, Blundell nos lembra que o engodo, geralmente aceitável para ser utilizado em situação de desvantagem, “não é necessariamente anti-heroico *per se* mesmo para os fortes utilizarem contra algum inimigo” (1991, p. 83). Nesse caso, a questão é o *status* de Filoctetes como amigo ou inimigo. Filoctetes não é facilmente categorizado dentro desse espectro de possibilidades. Antes de ser abandonado na ilha pela frota grega, ele era certamente um amigo e não mereceria, por isso, um tratamento enganoso. Durante seu exílio em Lemnos, ele passou a considerar a frota grega como inimigos que o prejudicaram. A missão de Odisseu e de Neoptólemo é precisamente persuadir Filoctetes de que agora a frota grega é amiga, apesar do prejuízo que sofreu. Por causa do abandono, Filoctetes considera Odisseu como um inimigo e, devido ao seu arco, tem uma situação tática superior aos dois que vieram persuadi-lo. Isso poderia tornar o embuste de Odisseu moralmente mais aceitável, uma vez que estaria agindo contra alguém que não tem um *status* de amigo ou inimigo claramente definido e contra alguém que tem uma condição tática superior. O dilema moral surge da indefinição do *status* de Filoctetes como amigo ou inimigo. Filoctetes começa como um inimigo que deve ser convencido a tornar-se amigo ou aliado novamente, de forma que o tratamento que seria moralmente aceitável no início não seria aceitável ao final do processo.

O poder e a influência de Odisseu sobre Neoptólemo foram estabelecidos quando ele o trouxe nessa missão. O desafio de Odisseu é manter Neoptólemo sob sua influência e fazer com que o filho de Aquiles tome parte em seu plano de enganar Filoctetes ao menos até que não mais possua o arco. O filho de Laertes é apresentado como uma fonte de conhecimento e de sabedoria, como podemos ver no prólogo da tragédia em que Odisseu fornece informações a Neoptólemo sobre o que aconteceu e sobre os motivos pelos quais

Filoctetes foi deixado na ilha, como se numa tentativa de justificar suas ações: “O maliano filho de Poiante, certa vez deixei na praia, obedecendo o que foi ordenado pelos senhores” (3-5). Odisseu imediatamente assume a posição de um homem mais experiente que provê um outro com informação. Há pelo menos uma outra função para essa proveniência de informação. Quando Odisseu conta a Neoptólemo a história de como Filoctetes foi deixado na ilha de Lemnos, quem o deixou ali e por quê, ele não está apenas informando Neoptólemo e o público, mas também fornecendo um paradigma ético. Em sua narrativa, Odisseu mesmo seguiu ordens de seus superiores, ele respeitou a hierarquia militar, aceitou a suposição de que seria mais importante para a armada grega realizar seus ritos corretamente e manter seu *status* de respeito aos deuses do que manter um soldado ferido com eles. Não se trata apenas de uma narrativa de eventos passados, mas também de uma exibição implícita de valores éticos que provê Neoptólemo com a versão dos fatos segundo Odisseu, fatos esses que Odisseu espera serem levados em consideração no processo de decisão de Neoptólemo. Odisseu, um orador desenvolvido como é, não desperdiça nenhuma palavra. Todas suas palavras parecem desempenhar um papel importante no convencimento de Neoptólemo a seguir o caminho que propõe. Esse procedimento através do qual Odisseu inicialmente não revela sua intenção claramente a Neoptólemo é similar ao que Ahl descreve no *Édipo Tirano* de Sófocles. Ahl¹¹ explora o conceito formulado por Quintiliano de *emphasis* “como uma figura de linguagem em que 'algo latente é escavado de algo dito' (ex aliquo dicto latens aliquid eruitur [*Instructing the Orator* 9.2.64])” (AHL, 1991, p. 23). A *emphasis* é uma figura de linguagem usada essencialmente para permitir que os ouvintes creiam estar alcançando eles mesmos suas próprias conclusões e apaziguar a sensação de estar sendo conduzido pelo orador. Demétrio em *Sobre o Estilo* 288, como Ahl nos informa, propõe que argumentar utilizando a *emphasis* pode ser mais efetivo, porque faz com que os fatos ou o próprio argumento seja mais evidente, em vez de ser explicado por um orador ou alguma outra pessoa. Esse recurso foi usado na comédia ateniense, como podemos ver em *As Nuvens* (658-66) de Aristófanes em que nem Sócrates nem Estrepsíades reconhecem que, sem importar o gênero, uma ave (ἀλεκτρούων) não é um quadrúpede.

Imediatamente após contar a narrativa e antes de explicar seu sofisma (σόφισμα) completamente, Odisseu pede a Neoptólemo que execute a simples tarefa de fazer o reconhecimento da caverna (αὐλίου) de Filoctetes. Depois dessa tarefa, Neoptólemo descobre o resto do plano de Odisseu: “Para que possas ouvir o resto do plano, enquanto

11 Sófocles *Oedipus: Evidence and Self-Conviction* recebeu duras críticas de Segal (Cf. Segal, Charles. “Review: [untitled].” *The Classical World* Vol. 86, No. 2 (Nov. - Dec., 1992), 155). Pode-se encontrar mais detalhes e material para discussão em *Oedipus Tyrannus: tragic heroism and the limits of knowledge* de Segal. A polêmica entre esses dois autores é interessante e ajuda a avançar o debate acadêmico sobre Sófocles e Édipo. Não parece que os argumentos de ambos autores sejam completamente irreconciliáveis. O principal ponto de conflito é como se dá a relação entre saber e verdade em *Édipo*.

explico, e o que compartilhamos possa fluir de nós dois” (24-5). Essa simples tarefa não é nenhuma calamidade, mas apenas simples reconhecimento. Neoptólemo não vê problema e o faz sem hesitar. Esse é outro passo no caminho do total recrutamento de Neoptólemo.

Alguns versos adiante (48-9), Neoptólemo declara ter cumprido um dos pedidos de Odisseu e pergunta qual é o próximo passo no plano: “Ele partiu e o caminho será vigiado. E, se desejas algo, explica a segunda parte do plano”. Neoptólemo anseia por mais informações. Odisseu, entretanto, não lhe responde diretamente. Ao contrário, ainda mais uma vez, antes de mais nada, pede que Neoptólemo siga suas ordens:

Filho de Aquiles, com relação ao que te cabe, deves ser nobre (γενναῖον), não apenas fisicamente, mas também no que diz respeito qualquer coisa estranha que talvez nunca tenhas ouvido anteriormente, ajuda-me, siga-me como um subordinado. (Sófocles, *Filoctetes*, 50-53).

Nesses versos, há alguns aspectos dignos de nota. Odisseu parece preferir chamá-lo de “Filho de Aquiles” (Ἀχιλλέως παῖ) como Filoctetes faz posteriormente, em vez de filho (τέκνον) como Filoctetes fez tantas vezes. Neoptólemo não está sendo subestimado por seu senhor (Ἄναξ) Odisseu nem por Filoctetes por causa de sua idade, mas sendo lembrado de sua ancestralidade nobre, procedimento comum na literatura grega. O próprio Neoptólemo também chama Odisseu de “Filho de Laertes” (Λαερτίου παῖ) no verso 87. Nesse caso, a expressão patronímica parece uma tentativa de assumir uma posição de maior igualdade hierárquica entre os personagens. Knox salienta que o uso da palavra “nobre” (γενναῖον) poderia ser perigoso para Odisseu em sua tentativa de convencer Neoptólemo, uma vez que o filho de Aquiles poderia ser lembrado das características morais de seu pai e negar a participação nos planos de Odisseu. Ciente disso, “Odisseu, em estilo verdadeiramente retórico, toma o principal argumento contra si e o transforma em uma arma a seu favor” (KNOX, 1964, p. 48). Em sua resposta, Odisseu não conta a Neoptólemo como, além de fisicamente, o jovem deveria ser nobre. Esse novo conceito de nobreza, distorcido pela retórica, incluiria enganar Filoctetes com palavras e erguer-se acima do código ético de seu pai (Id., *Ibid.*), mas Odisseu não pronuncia isso. Seu silêncio é uma tentativa de desviar a atenção de Neoptólemo do real significado dessa proposição. Odisseu, assim, segue para a explicação de seu sofisma. Ele pretende envolver Filoctetes em uma mentira intrincada que o faria confiar em Neoptólemo. Odisseu não explica precisamente o que Neoptólemo deve fazer, exceto quando lhe diz que deve conquistar a confiança de Filoctetes.

É importante salientar a concordância tácita de Neoptólemo com o uso que Odisseu faz da expressão “ὑπηρέτης”, que é uma forma agentiva do verbo “ὑπηρετέω” o qual significa literalmente “remar” e figurativamente “servir”, “obedecer”. Roisman lembra o juramento dos efebos, ao fim do serviço militar, que “juravam obedecer os seus

comandantes, os governantes da nação contanto que suas ordens fossem 'justas'¹² (2005, p. 73, grifo da autora). Isso legitima a relutância de Neoptólemo em aceitar o método, isto é, o plano de ação de Odisseu, apesar de já ter aceitado a missão ao vir para Lemnos. Tal relutância tem sua origem na percepção de Neoptólemo que, se concordar agir como Odisseu propõe, afastar-se-á da herança de seu pai e de seu código de conduta do qual emana sua concepção de justiça. O filho de Laertes aumenta a pressão da decisão de Neoptólemo contando-lhe sobre os possíveis danos caso não coopere na mentira que traria Filoctetes de volta ao exército grego nos versos 66-7: “Se não fizeres isso, lançarás sofrimento sobre todos os argivos”. Essa proposição é lembra a situação de Aquiles na *Ilíada*; sua relutância em lutar causa enormes perdas aos argivos. Mais uma vez, o paralelo entre pai e filho é estabelecido. Se Neoptólemo optar por não mentir, não tomar parte no plano de Odisseu, estaria de alguma forma ecoando as ações de seu pai. Por outro lado, foi precisamente a decisão de Aquiles de não lutar que causou a perda de seu amigo Pátroclo. Odisseu insiste nos versos 77-78: “Mas é precisamente isto que é preciso pensar, como te tornarás ladrão do arco invencível”. Odisseu precisa que Neoptólemo tome o arco a Filoctetes, porque considera insegura sua própria aproximação do herói ferido. É a terceira vez, como nota Pucci, que Odisseu usa o verbo “necessitar” (ᾄει). Há uma necessidade em tomar posse do arco, “(...) mas ele nunca revela a fonte da qual aprendeu sobre a necessidade de levar Filoctetes com o arco para Troia” (2003, p. 166). Ao não fazer nenhuma alusão explícita à origem dessa necessidade, que é a profecia de Heleno, Odisseu invoca ainda mais autoridade para si mesmo. Ele não dá a Neoptólemo acesso à profecia e lhe nega a possibilidade de interpretá-la diretamente. Por enquanto, no desenvolvimento da tragédia, parece que Odisseu é o único com acesso e conseqüentemente o único com conhecimento suficiente para decidir como proceder. Dessa forma, ele reserva para si o poder de justificar sua tomada de decisão. A profecia é comentada pelo Mercador (603 ss.), cuja finalidade é precisamente acelerar o processo da tomada do arco à Filoctetes.

Odisseu (79-85) reconhece que não está na natureza do jovem filho de Aquiles perpetrar tal embuste:

Bem sei que a tua natureza não produz o dizer de coisas tais como essas nem o emprego de artimanhas más. Mas – pois é prazeroso tomar posse da vitória - ousa! Pareceremos justos novamente. Mas agora, por uma breve parte do dia, desavergonhadamente dá-te a mim, e então, pelo resto do tempo, será tido como o mais honrável dos mortais. (Sófocles, *Filoctetes*, 79-85).

Odisseu reconhece e concede que seu arдил contradiz a natureza de Neoptólemo. O jovem, entretanto, “[...] como herdeiro de seu pai, foi apontado para a vitória, em um certo

12 “As versões mais antigas do juramento que chegaram até nós são do século quarto, então nós não podemos saber se o mesmo juramento era feito no século quinto. Entretanto, a ideia de obediência limitada pela justiça era consistente com a visão ateniense de si mesmo como uma democracia” (ROISMAN, 2005, p. 132, nota 3).

momento e de alguma maneira ele terá de lidar com seres corrompidos, sem o que, neste mundo, parece que nunca se chega ao alto” (REINHARDT, 2007, p. 188, tradução Oliver Tolle). Odisseu também insiste em uma abordagem relativista da justiça em que os fins justificam os meios. Ele pede a Neoptólemo que ignore sua natureza (φύσις) por um breve período de tempo para que possa alcançar glória através da doce vitória. Odisseu propõe nada menos que uma momentânea suspensão do código de conduta de Neoptólemo e a aceitação de uma postura que contradiz o que Aquiles afirma na *Ilíada*: “Pois é-me detestável como os duplos portões do Hades, o homem que esconde uma coisa em seu peito e diz outra (Homero, *Ilíada*, 9. 312-2)”. O filho de Laertes, consciente da aceitação de Neoptólemo do modelo ético de Aquiles, foca sua atenção na noção de que glória, alcançada por quaisquer meios, ainda é glória, desviando a atenção dos métodos. O reconhecimento futuro prometido por Odisseu a Neoptólemo aparece no verso 119 em que, caso tome parte no plano, receberá os predicados de sábio (σοφός) e excelente (ἀγαθός), tradicionalmente não associados às glórias militares conquistadas na guerra através da ação. Odisseu obscurece a distinção, associando glória com vitória por quaisquer meios. Nesse ponto, Neoptólemo percebe a distinção entre as duas possibilidades e ainda tenta decidir o que fazer. Odisseu, igualando ou desconsiderando os métodos através dos quais pode-se alcançar glória, centra sua persuasão na oposição entre “uma breve parte do dia” e “o resto do tempo” que pode claramente ser entendida como um problema de simples aritmética. Se o segundo é certamente mais duradouro, não há razão pela qual Neoptólemo deva hesitar. Propõe-se que vitória é algo mais importante a ser buscado sem escrúpulo.

A resposta de Neoptólemo retoma a polêmica acerca do método a ser utilizado na missão. O jovem espera seguir os passos de seu pai na busca pela glória através de realizações militares. Seu anseio por conquistá-las em combates francos, sem embustes, leva-o a sugerir a violência, propondo que Filoctetes ferido não teria condições de lhes oferecer resistência. Iniciando sua resposta com ἐγὼ μὲν, Pucci propõe que a partícula μὲν, usada de forma isolada, enfatiza o pronome pessoal, que “permanece existencialmente e semanticamente frágil; o *eu* de Neoptólemo é ao mesmo tempo o de sua estirpe” (2003, p. 171), mostrando o contraste em relação à postura de Odisseu.

Eu, ao contrário, escutando essas palavras, sentiria dor,
Filho de Laertes, e odiaria praticá-las.
Pois nada engendo que provenha de praticar má arte,
nem eu, nem, como dizem, o que me gerou.
Mas estou pronto para levá-lo a força
e sem engano. Pois só com um pé,
pela força, não nos vencerá, que tantos somos.
Certo que, tendo sido enviado como teu colaborador, temo
ser chamado de traidor. Prefiro, de fato, senhor, falhar
agindo bem que vencer ludibriando.
(Sófocles, *Filoctetes*, 86-95).

Neoptólemo menciona, em sua resposta a Odisseu, sua natureza duas vezes: uma

através do verbo “engendro” (ἔφυν) no verso 88 e outra com “o que me gerou” (οὐκφύσας) no verso seguinte, como motivos para a recusa ao pedido. O jovem afirma não fazer parte nem de sua natureza nem da de seu pai praticar atos como os propostos. Afirma isso mesmo sem ter conhecido o pai, como podemos notar pelo comentário que faz sobre a fonte dessa informação. Neoptólemo apela a um “como dizem”, isto é, ele não teve acesso direto a Aquiles, mas baseia sua impressão nas narrativas de terceiros. Neoptólemo se confronta com o desejo de igualar-se a, talvez superar, o pai com quem não conviveu. Sua busca, seu termo de comparação, é com um elemento ausente de sua experiência e isso permite uma certa flexibilidade, seja para Odisseu propor que seu aboiz seria uma forma de ultrapassar positivamente as características de Aquiles, como faz na tragédia, ou para Filoctetes propôr justamente o resgate. A falta de contato entre o jovem e o pai é utilizada tanto por Odisseu como por Filoctetes como argumento para fins diferentes.

No verso 93, Neoptólemo modifica a posição hierárquica de Odisseu, mas substitui o termo auxiliar (ὑπηρέτης), utilizado anteriormente, por colaborador (ξυνεργάτης). A substituição do termo é sutil e sugere a tentativa do jovem de se igualar ou pelo menos aproximar sua situação a de Odisseu. O jovem admite, contudo, que teme ser chamado de traidor caso não cumpra sua incumbência. Odisseu detém sim uma posição de autoridade em relação a Neoptólemo. O jovem que provavelmente foi criado como filho de um rei poderoso, famoso e ausente precisa se submeter à autoridade de Odisseu, que o trouxe nessa missão e está tentando controlar também os métodos pelos quais se realizará a missão, sendo que seu próprio pai não exerceu esse controle durante a infância de Neoptólemo. Enquanto o *status* entre os heróis gregos é de relativa igualdade hierárquica, o que permite que Aquiles se recuse a lutar sob o comando dos líderes da expedição troiana, Neoptólemo ainda não possui uma condição plena de igualdade, em parte pelo próprio reconhecimento de Odisseu como um superior seu, como também pela pouca experiência. Sua preferência é falhar agindo corretamente do que vencer utilizando-se de ardis. É importante esclarecer que o jovem está, antes de expressar sua opinião, salientando sua honra em uma quase justificação de sua discordância. Odisseu responde salientando indiretamente sua autoridade, sua mais ampla experiência e contrastando ambas com Neoptólemo, reforçando-lhe, pelo contraste, a situação do jovem:

Filho de nobre pai, também eu tinha, quando jovem,
a língua preguiçosa e a mão laboriosa.
Agora vejo que, para as disputas reais, é
a língua, não a ação, que prevalece entre os mortais
(Sófocles, *Filoctetes*, 96-99).

A divergência moral sobre o procedimento, sobre a validade ética da artimanha, é posta em segundo plano pelo menos temporariamente. Através do contraste, Odisseu “[...] reformula o conflito entre embuste e força como um entre palavra e ação, associando força

com afobação pueril e embuste com maturidade, traduzindo, assim, o problema moral em termos favoráveis para si mesmo” (BLUNDELL, 1991, p. 190). Essa tradução, ou reformulação, de contradições que prejudicam a causa em termos favoráveis por parte de Odisseu também foi vista nos versos 81-5 e pode ser vista como parte do método de Odisseu.

O jovem Neoptólemo propõe mais perguntas, procurando por outros métodos, até que Odisseu elimina, no verso 107, a opção de que o jovem fale com Filoctetes ou mesmo se aproxime do herói ferido fora dos termos da insídia, mesmo diante da pergunta impessoal proposta pelo jovem no verso 106: “Neoptólemo: Não pode-se nem ousar aproximar-se dele? Odisseu: Não sem ter lançado mão do estratagema, como digo.” (Sófocles, *Filoctetes*, 106-7). O juízo de valor proposto por Odisseu diante dos questionamentos de Neoptólemo, em que o filho de Laertes afirma: “quando quer que faças algo visando o lucro, não se deve hesitar” (111), sugerindo, no verso 119, que Neoptólemo poderá ser reconhecido ao mesmo tempo como sábio (σοφός) e valoroso (ἀγαθός) se cumprir com os desígnios constitui-se como uma alteração da estimada definição de nobreza de belo (καλός) e valoroso (ἀγαθός) segundo a tradição grega, conforme nota Pucci (2003, p. 176). O velho modelo de virtude de beleza e excelência é convertido em um novo paradigma em que se insere a sabedoria ou a astúcia, anteriormente vinculada com a farsa e vista como falha de caráter na concepção tradicional.

Neoptólemo questiona se a tomada da cidadela não seria glória sua e Odisseu, ainda controlando as informações da profecia, informa-lhe que tal não acontecerá sem o arco e que também não bastará apenas o arco sem Neoptólemo. Estando a glória de Neoptólemo condicionada ao conluio, o jovem, no verso 116, aceita a proposta: “Se é assim, é preciso caçá-lo”. A confirmação de sua participação no esquema se dá no verso 120 em que o jovem diz: “Vamos! Farei, deixo de lado toda a vergonha” e, no 122, quando diz: “Sabe com certeza que concordo com tudo plenamente”. Nesse ponto, está clara a aceitação e a participação, mesmo com ressalvas e protestos, similar a uma capitulação, de Neoptólemo na manobra proposta por Odisseu. Tanto Webster quando Pucci ressaltam que a rima dos versos 121 e 122 destacam o fim da esticomitia (PUCCI, 2003, p. 177). Desse ponto até o fim do prólogo, Odisseu explicará a vinda do Marinheiro que servirá de auxílio na trama, caso haja demasiada demora, mas não dá mais detalhes sobre como Neoptólemo deve proceder para levar Filoctetes até os navios.

3. Filoctetes

Filoctetes inicia seu contato com Neoptólemo no verso 219, quando de sua entrada em cena. Desde o primeiro contato, o herói massacrado pelos anos de abandono, isolamento e anseio por contato humano trata os recém chegados com muito tato. Pucci

comenta que as primeiras palavras pronunciadas por Filoctetes estão “[...] fora do trímetro iâmbico, como acontece frequentemente na explosão da doença de Filoctetes, [que] rompe o fluir rítmico e sugere um distanciamento, uma violência expressiva” (2003, p. 188). Ciente de sua condição horrenda, nos versos 225 a 229, Filoctetes anuncia que não deseja repelir os estrangeiros:

Desejo ouvir a voz. E, com medo de mim,
não fujam aterrorizados por meu estado selvagem,
Mas tendo pena de um homem desgraçado, sozinho,
desolado, assim sem amigos, arruinado
falai, se realmente viestes como amigos.
(Sófocles, *Filoctetes*, 225-229)

Filoctetes procura, assim, garantir a interação com os recém chegados, condição *sine qua non* para a resolução de seus males. Procede atribuindo a si mesmo adjetivos que inspiram piedade, frequentemente repetidos pelo coro, e procurando condicionar o vínculo de amizade entre os estranhos e ele ao reconhecimento de sua condição. Em seus termos, basta que não fujam e que falem para que criem uma vinculação mínima com Filoctetes.

Filoctetes estabelece, no verso 230, juízo de valor sobre as possibilidades de ação dos estrangeiros ao determinar que seria um erro não lhe responder, não estabelecer uma troca entre essas partes que agora se encontram. Disfarçando o anterior tom de humilde súplica em sentença sob a condição de serem, de fato, amigos. Nesse ponto, já podemos perceber um mecanismo de persuasão utilizado por Filoctetes, que é justamente o estabelecimento de pressupostos morais pelos quais seus interlocutores deveriam pautar suas ações, estabelecendo um conjunto referencial de maneira implícita. Apesar de defender conjuntos de valores diferentes dos de Odisseu, Filoctetes utiliza estratégias similares ao demonstrar seu posicionamento moral indiretamente. Não há questionamento por parte de Neoptólemo, justamente quem é mais suscetível entre os personagens, acerca da autoridade com que Filoctetes emite juízos de valor como esse.

Para Filoctetes, identificar os estranhos que encontra é questão primeiro de segurança e depois de estratégia. Mesmo que o estabelecimento implícito de um código moral por parte de Filoctetes fosse completamente bem sucedido, seria inviável negociar com completos estranhos, sem saber o que podem oferecer-lhe e o que esperar deles. Percebendo-os como não imediatamente hostis, aos poucos, ele passa a direcionar de forma mais precisa os elogios genéricos com que inicia suas falas. Quando identifica Neoptólemo como filho de Aquiles, passa a lhe atribuir predicados nobres. Isso constitui-se como uma estratégia de convencimento, uma vez que permite atribuição de predicados por parte de Filoctetes a Neoptólemo. Os estranhos que Filoctetes agora encontra são uma excelente oportunidade para finalmente abandonar a ilha de Lemnos e principalmente retornar ao convívio humano. Personalizá-los e identificá-los é uma forma de estabelecer uma relação de cooperação e atrelar questões identitárias às questões morais. Filoctetes,

ao identificar Neoptólemo como filho de Aquiles, passa a vinculá-lo ao código de conduta de seu pai e dos heróis gregos.

Neoptólemo finge não saber com quem está falando, causando grande pesar no herói desertado, quando pergunta-lhe, no verso 248, se também ele participara da investida em Ílion. “Tomaste, também tu, parte naquela investida?”. Filoctetes se entristece com a possibilidade de que seu abandono e desterro seja ainda mais completo do que imaginava, uma vez que julga ser a sua história desconhecida pelo filho de Aquiles.

Durante a explicação que se segue, Filoctetes entremeia informações sobre si mesmo com acusações dirigidas aos líderes gregos e busca, entre os versos 276 a 316, relatar com detalhes seu sofrimento a Neoptólemo, tentando despertar compaixão no jovem. O apelo à imaginação do jovem fica nítido quando Filoctetes diz:

Onde, com efeito, filho, supões em que condição me encontrava,
apartado de todos, quando despertei do sono?
como chorei e lamentei a desgraça?
Vendo que as naus com as quais tinha navegado
tinham partido, nenhum homem no local,
ninguém que me ajudasse, ninguém que, da chaga eu
sofrendo, me amparasse. Procurando por toda a parte,
nada encontrava além da presença do sofrer
e isso, em grande quantidade, ó filho.
(Sófocles, *Filoctetes*, 276-284)

Nesse trecho, Filoctetes utiliza um recurso similar ao de Odisseu no prólogo. Através de um procedimento narrativo comum em Sófocles¹³ em que personagens contam suas próprias histórias, isto é, propõem sua própria interpretação de fatos em oposição a situações referenciais alusivas em que um personagem apenas menciona elementos que podem ser identificados pelos espectadores.

Nesse caso, há uma oposição entre Odisseu e Filoctetes que determinará a forma como ambos interagem com Neoptólemo.

Para Filoctetes, há ou deveria haver uma coerência entre passado, presente e futuro; em particular, o passado controla o presente e o futuro poderosamente. [...] Para Odisseu, pelo contrário, o passado pode geralmente ser desconsiderado e o presente está a serviço, embora desatrelado, do futuro. [...] Neoptólemo, nesse como em outros sentidos, encontra-se entre os dois. Ele não despreza nem ignora a relação do passado, presente e futuro, mas demora algum tempo para descobrir o que essa relação significa para ele. (ROBERTS, 1989, p. 175).

Odisseu é capaz de desvincular presente e futuro do passado, separando assim a ação vergonhosa que propõe a Neoptólemo do resto do tempo posterior, durante o qual o jovem será reconhecido como nobre. Talvez a principal evidência dessa atitude em Odisseu possa ser vista no verso 1049 (ver nota 10, acima) em que a necessidade circunstancial

13 Para mais detalhes sobre os procedimentos narrativos utilizados por Sófocles especialmente no *Filoctetes*, cf. ROBERTS, Deborah. Different stories: sophoclean narrative(s) in the *Philoctetes*. *Transactions of the American Philological Association* (1974-), v. 119, p. 161-176, 1989.

determina sua atitude. No caso de Filoctetes, os eventos presentes estão completamente vinculados aos eventos passados que levaram-no à condição em que se encontra, sendo que até mesmo a descrição que faz de sua vida na ilha é desprovida de elementos temporais que distingam os dez anos que se passaram, como manifesta no verso 285, “O tempo avançava-me através do tempo”. Esse verso sobre a passagem do tempo desprovido de qualquer fato marcante que permita identificar uma sequência de eventos constitui-se como transição entre o que se segue a esse verso, isto é, a narrativa de como sobrevivia sozinho na ilha, e o que precedia-o, a descrição do choque e da surpresa de ver-se abandonado e sozinho.

A partir do verso 286, a descrição que Filoctetes faz de sua vida na ilha é detalhada e um importante demonstrativo de como o herói pauta suas ações mais elementares pela necessidade, criando uma vinculação com a causa de seus males: os atridas. No final da tragédia, será preciso a intervenção de Hércules para reverter a obstinação de Filoctetes em se manter em tão terrível situação. O detalhamento da condição de Filoctetes na ilha ressalta o estado animalesco e bruto a que o herói foi reduzido em sua sobrevivência.

e era preciso, sob este pequeno abrigo, sozinho,
providenciar o necessário. Ao estômago, o que convinha,
com este arco encontrava, as aladas
pombas acertava. Para alcançar as que tivesse acertado,
a pronta flecha, eu mesmo sofrendo
teria que me arrastar, com o pé ferido.
E se precisava de algo para beber ou
quando se espalhava gelo, tal como no inverno,
quebrava lenha, também isso fazia com o mesmo sofrimento.
Fogo, então, não havia,
Mas, esfregando pedra com pedra, apenas
fraca luz produzia, que também sempre me salva.
Morando assim, o covil com fogo,
me dá tudo, menos a cura de meu mal.
(Sófocles, *Filoctetes*, 286-299)

Filoctetes descreve circunstâncias extremas de sobrevivência para as quais recusar qualquer auxílio reduziria também aquele que o negasse a um estado animalizado, uma vez que reafirmaria a decisão extremamente pragmática de abandoná-lo à própria sorte. Esse homem que sofre só se distingue de animais guiados exclusivamente pelo instinto de sobrevivência pela sua capacidade narrativa conquistada momentaneamente, dada a presença de alguém que possa ouvir-lhe. Filoctetes continua descrevendo sua situação salientando seu isolamento e a condição deserta da ilha:

Agora, filho, aprenderás algo da ilha:
nenhum marinheiro se aproxima propositalmente,
pois nenhuma ancoragem há, nem lugar onde, navegando,
possa negociar algum lucro ou tratado.
Nenhuma das viagens dos mortais com mente sã chega aqui,
se por acaso, alguém chega por engano, pois muitos desses
podem acontecer na longa vida dos homens,
esses, quando vêm, ó filho, palavras
piedosas e também alguma porção de alimento,

tomados de pena, ou algum trapo me dão.
Isto, por outro lado, quando quer que eu lembre, ninguém quer:
salvar-me para casa, mas arruíno-me em sofrimento.
De lá pra cá, foram dez anos de fome e
infortúnio alimentando essa doença que me come pelo pé.
(Sófocles, *Filoctetes*, 300-313)

O isolamento de Filoctetes é tamanho que até mesmo a ilha de Lemnos encontra-se fora das rotas de viagem. Os poucos seres humanos que Filoctetes encontra por acaso auxiliam-no de maneira parca, sempre se recusando a resgatá-lo. Com o pouco que ganha e com as palavras de pena, Filoctetes alimenta sua própria doença. As esmolas e as palavras de pena se opõem, então, ao ato salvador de resgatar o herói degredado. Na oposição entre palavras e ação, Filoctetes, dada a identificação de Neoptólemo como filho de Aquiles, diferencia o recém chegado de todos os desconhecidos que antes visitaram a ilha e procura vinculá-lo ao escopo das ações como forma de alcançar o resgate. Antes de saber as intenções do jovem ou a razão pela qual supostamente partiu de Ílion, Filoctetes, tomado pelo desespero e pela ansiedade de vinculação, salienta sua posição hostil aos que o abandonaram nos versos finais de sua narrativa.

Isso, os Atridas e a prepotência de Odisseu,
ó menino, me fizeram. Que os deuses olímpicos
deem-lhes um dia como vingança o meu sofrimento.
(Sófocles, *Filoctetes*, 314-316)

A oposição entre palavras e ação reaparece na fala de Filoctetes dos versos 407 a 409, em que diz:

Pois bem sei que de Odisseu, todas palavras
que tocou com a língua são más e vis
das quais nenhum objetivo justo pode-se alcançar.
(Sófocles, *Filoctetes*, 407-409)

Enquanto o Laertiade tenta persuadir Neoptólemo, como vimos acima, fica claro que a ação proposta por Odisseu ao filho de Aquiles contraria a suposta natureza do jovem e se baseia de fato em um ardil. Nesse trecho, Filoctetes confirma o ardil pela sua origem. Se foi proposto por Odisseu, certamente não será honesto e mais, se todas as palavras tocadas pela língua de Odisseu não podem conduzir a feitos ou realizações justas, então também a própria persuasão de Neoptólemo conduz a uma injustiça. Filoctetes, mesmo sem conhecimento completo da situação e talvez justamente por esse desconhecimento, com esse argumento, produz fortes efeitos persuasivos em Neoptólemo que, diante de um herói mais velho e detentor de armas divinas, escuta a convincente opinião de que o procedimento proposto por Odisseu provavelmente não o conduzirá à glória que almeja e viola o código de conduta que tentou esboçara Odisseu, no início da ação, para dissuadi-lo de seu estratagema.

O apelo de Filoctetes a Neoptólemo se intensifica no verso 468, a partir do qual o portador do arco de Hércules implora diretamente por seu resgate apelando primeiro aos

progenitores e em seguida à tradição constituída no lar do jovem e recorrendo sempre a sentimentos de piedade e compaixão:

Agora, pelo teu pai, pela tua mãe, ó filho,
Pelo que te é querido em teu lar,
Venho como suplicante, não me deixes assim sozinho,
Abandonado em tamanhas desgraças, tal como vês,
em que vivo, como me ouviste dizer.
(Sófocles, *Filoctetes*, 468-472)

Filoctetes pede para ser levado como carga e não como passageiro, aceitando até mesmo a hipótese de continuar desumanizado, brutalizado por sua condição. De forma comovente, Filoctetes reconhece que sua condição pode causar nojo e repulsa aos que lhe estiverem próximos, então pede que Neoptólemo suporte essa dificuldade, utilizando-se de um juízo de valor sobre as características da verdadeira nobreza. Nesse ponto, a fala de Filoctetes contrasta ainda mais com a de Odisseu no prólogo e cria uma oposição entre a glória e a ignomínia. Filoctetes associa o resgate, em que é preciso suportar o asco causado por sua ferida, à glória e o faz com o argumento de que tudo que colabora para a glória é atrativo àquele que é realmente nobre.

Coloca-me como carga. A náusea, que emana,
Desta carga, bem sei que será muita.
Mesmo assim, suporta! Para a verdadeira nobreza,
o que envergonha é repulsivo e o que glorifica é atrativo.
(Sófocles, *Filoctetes*, 473-476)

Filoctetes até mesmo condiciona a desonra de Neoptólemo ao seu resgate. A promessa de glória também foi feita por Odisseu anteriormente, mas vinculada a ações que contrariam a natureza do jovem. Com Filoctetes, o jovem e indeciso filho de Aquiles, percebe a possibilidade de alcançar glória através de outra linha de ação, uma que o permitiria manter-se mais próximo do que supõe ser o código de conduta de seu pai.

Falhando nisso, tua desonra não será bela
Fazendo isso, ó criança, [alcançará] a maior glória que da honra provém,
eu retornaria vivo para minha terra do Eta.
(Sófocles, *Filoctetes*, 477-479)

Nos versos 480-1, lemos uma exortação análoga a que foi feita por Odisseu no verso 81 e seguintes, como visto acima. Filoctetes diz que o resgate não durará um dia inteiro, mas apenas parte de um dia, ecoando as palavras de Odisseu, e, a seguir, pede que o menino ouse, alterando apenas o aspecto verbal do imperativo, utilizado aqui em aspecto aoristo.

Vamos, a labuta não tomará um dia inteiro,
Ousa! Atira-me onde quiseres, levando
Na sentina, na proa, na popa, onde quer que
Menos transtorno eu cause aos que estiverem junto.
(Sófocles, *Filoctetes*, 480-483)

É manifesto o paralelo entre as formas persuasivas dos dois personagens que disputam Neoptólemo. Tanto Odisseu, quanto Filoctetes solicitam que Neoptólemo aceite

uma circunstância repugnante por uma pequena porção de tempo, menos do que um dia, para que alcance glória através da ousadia, da coragem demonstrada nesse curto enfrentamento com o que obstaculiza a ação para alcançar glória duradoura posteriormente: no caso de Odisseu, a questão moral de aderir ao engodo, no caso de Filoctetes, o asco de sua chaga.

4. Considerações Finais

A obra de Sófocles está sem dúvida entre os maiores monumentos literários que nos foram legados. Em seu *Filoctetes*, encontramos intrincadas e tensas relações entre os personagens que precisam uns dos outros não apenas para realizarem ou alcançarem seus objetivos, mas até mesmo para se definirem. Nessa tragédia, estamos interessados nas incertezas e nas dúvidas de Neoptólemo, nas decisões que o rapaz tomará. Não se trata de uma tragédia em que grandes feitos são realizados, mas em que grandes decisões são tomadas. Nesse aspecto, Neoptólemo é o mais suscetível dos três personagens dessa tragédia por sua condição ainda potencial, isto é, não marcada e definida por ações e decisões já tomadas e realizadas.

O jovem, nessa missão, encontra ou testemunha, pela primeira vez, toda a grandiosidade e a baixeza que resulta das decisões dos homens. Se a chaga de Filoctetes pode ter origem e significado divinos, seu abandono na ilha de Lemnos é resultado de decisões de homens que não estavam dispostos a enfrentar o risco e o trabalho de manter o herói ferido entre suas fileiras. O mundo de Aquiles está repleto de homens como Filoctetes, heróis que pagam e sofrem duras penas por causa de decisões como a que Neoptólemo agora enfrenta. O processo de tomada de decisão de Neoptólemo aumenta em importância a medida em que o jovem percebe empaticamente os efeitos em outros homens que são balizas pelas quais ele mesmo passa a se entender e a se conhecer.

O filho de Aquiles ainda não está marcado por suas decisões prévias como Odisseu e Filoctetes. Seu futuro, no começo da tragédia, ainda lhe está aberto e indefinido. É durante o desenvolvimento da tragédia que Neoptólemo confrontará a transição entre uma situação em que todas as suas predicções são potenciais, ou seja, em que ainda não está vinculado às consequências de nenhuma ação ou postura e em que ainda pode decidir de maneira bastante ampla e livre, e uma situação em que pelo menos um de seus predicados já estará realizado, quer dizer, suas opções futuras já estarão determinadas pelos eventos passados sobre os quais ele mesmo teve responsabilidade. Isso aprofunda muito a importância da decisão que Neoptólemo se vê forçado a tomar entre a atitude de Odisseu e a de Filoctetes. O filho de Aquiles não apenas está decidindo entre duas posturas éticas, mas, acima de tudo, está decidindo.

O resultado dessa decisão terá consequências seríssimas no futuro do jovem: se optar

pela proposta de Odisseu, estará marcado para sempre por aquela pequena parte do dia em que suspendeu o código moral em que acreditava, enganou um dos heróis que pretendia que fosse seu igual e, mais importante, contrariou a postura de seu pai, que desprezava aqueles que dizem uma coisa enquanto na verdade têm outra escondida no peito; se optar pela proposta de Filoctetes, estará marcado para sempre por aquela pequena parte do dia em que, além de desobedecer ordens de quem lhe é militarmente superior, superou o asco e o nojo que pode causar o corpo humano e salvou um dos heróis que pretendia que fosse seu igual, apartando-se, com isso, para sempre das glórias militares que poderia alcançar na guerra em que morreu seu pai. Na segunda opção, o jovem estaria fadado a, junto com Filoctetes, defender-se da fúria da horda aqueia que provavelmente tentaria tomar pela força o que necessita para vencer a guerra em Ílion.

A semelhança entre as duas formas persuasivas utilizadas tanto por Odisseu quanto por Filoctetes isolam ainda mais o dilema de Neoptólemo na questão ética e, especialmente, na tomada de decisão do jovem. Antes da crise de dor que leva Filoctetes à inconsciência, a forma com que os dois pedem a Neoptólemo que pautar sua atitude nesse ou naquele conjunto de valores é nuclearmente bastante similar. Ambos pedem que Neoptólemo, por um período de tempo menor que um dia, enfrente uma circunstância adversa como o mau cheiro da ferida ou a participação na insídia para que, durante o resto do tempo, colha os frutos dessa decisão. A dupla formulação do dilema em termos quase aritméticos não sugere um procedimento ético puramente matemático por parte de Sófocles. Igualando estruturalmente os dois argumentos, notamos o quão relevante é a decisão e o que está em disputa. Por um lado, pode-se alcançar um objetivo benéfico ao bem comum, que pouparia a vida de muitos homens combatendo em Troia e ofereceria mais uma garantia de estabilidade do sistema político aqueu. Nessa opção, Neoptólemo poderá lutar a mesma guerra de seu pai ao lado de muitos dos homens que dividiram as penas da batalha com Aquiles. Por outro lado, mantendo-se firme na defesa dos valores que julga corretos, Neoptólemo igualar-se-á a seu pai que, da mesma forma, defendendo o que julgava ser justo, não aceitou uma pequena injustiça em compensação pelo bem-estar de seus companheiros. Não há relativização moral na postura de Aquiles, como há na de Odisseu. As opções que Neoptólemo tem exigirão igualmente sacrifícios: ou de seus princípios éticos ou de suas ambições. Essa simetria em que se constitui a duplicidade da decisão a ser tomada por Neoptólemo afirma e ressalta justamente seu livre-arbítrio, deixando o peso da decisão sob a luz de sua vontade.

Tratamos nesse trabalho as tentativas de persuasão de Neoptólemo antes da crise que leva Filoctetes à inconsciência. Procuramos principalmente mostrar a semelhança entre os argumentos de Odisseu e Filoctetes. Esse entendimento permite avançar a compreensão sobre essa tragédia. Possibilita também que, tomando como base o argumento sobre a

igualdade estrutural das tentativas de persuasão de Neoptólemo, futuramente se faça um estudo detalhado sobre o seu processo de tomada de decisão. Além das formas persuasivas de Odisseu e Filoctetes anteriores à crise de dor desse último, os próprios eventos encenados que indicam constantemente a passagem do tempo e limitam por sua natureza, a cada instante, as opções disponíveis a Neoptólemo.

5. Referências

- AHL, F. Sophocles' Oedipus: evidence and self-conviction. Ithaca: Cornell University Press, 1991.
- BLUNDELL, Mary Whitlock. Helping Friends and Harming Enemies: A Study in Sophocles and Greek Ethics. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1991.
- BOWRA, C. M. Sophoclean tragedy. Oxford: Oxford University Press, 1970.
- DIO (CHRYSOSTOM). Dio Chrysostom. Trad. H. Lamar Crosby. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1956. (Loeb Classical Library).
- EASTERLING, P. E.; KNOX, B. M. W. (Ed.). The Cambridge History of Classical Literature. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1996.
- _____. Philoctetes and Modern Criticism. Illinois Classical Studies, v. 3, p. 27-39, 1978.
- HINDS, A. E. The prophecy of Helenus in Sophocles' Philoctetes. The Classical Quarterly, New Series., v. 17, n. 1, p. 169-180, 1967.
- KITTMER, J. Sophoclean Sophistics: A Reading of Philoktetes. Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici, n. 34, p. 9-35, 1995.
- KNOX, BERNARD M. W.. Philoctetes. Arion, v. 3, n. 1, p. 42-60, 1964.
- _____. The heroic temper: studies in Sophoclean tragedy. Berkley: University of California Press, 1964.
- LINFORTH, I. M. Philoctetes: the play and the man. Berkley: University of California Press, 1956.
- LLOYD-JONES, H.; WILSON, N. G. Sophoclis fabulae: recognoverunt brevisque adnotatione critica instruxerunt. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 1990.
- NUSSBAUM, M. Odysseus in Sophocles' Philoctetes. In: H. Bloom (Ed.); Odysseus/Ulysses, Major Literary Characters. New York: Chelsea House Publishers, 1991. p. 203-213.
- PUCCI, P.; AVEZZÙ, G.; CERRI, G.; SOFOCLES. Filottete. Testo greco a fronte. Fondazione Lorenzo Valla, 2003.
- REINHARDT, Karl. Sófocles. Trad. Oliver Tolle. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.
- ROBERTS, Deborah. Different stories: sophoclean narrative(s) in the Philoctetes. Transactions of the American Philological Association (1974-), v. 119, p. 161-176, 1989.

ROBINSON, D. B. Topics in Sophocles' Philoctetes. The Classical Quarterly, New Series., v. 19, n. 1, p. 34-56, 1969.

ROISMAN, Hanna. Sophocles: Philoctetes. Londres: Duckworth, 2005.

ROSE, Peter. Sophocles' Philoctetes and the Teachings of the Sophists. Harvard Studies in Classical Philology, v. 80, p. 49-105, 1976.

SÓFOCLES. Filoctetes. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. Sophocle. Vol. 3. Paris: Les Belles Lettres, 1967.

SUTTON, D. F. The lost Sophocles. Lanham: University Press of America, 1984.

WILSON, Edmund. The Wound and the bow. Cambridge, MA: Houghton Mifflin, 1941.